

PIBID DE GEOGRAFIA: RELATO DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO COLÉGIO ESTADUAL ABDIAS MENEZES E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A DOCÊNCIA

Manoel Braz Souza de Carvalho

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Débora Costa Assunção

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof.^a Adriana David Ferreira Gusmão

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof.^a Esp. Karen Cristine Rodrigues Monteiro

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: O presente artigo estrutura-se em forma de relato de experiência por meio das vivências de bolsistas ID's do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). O mesmo apresenta conhecimentos e saberes adquiridos pelos licenciandos através da experiência prática e realização de atividades realizadas durante o segundo semestre do ano de 2018 até o mês de março de 2019 no Colégio Estadual Abdias Menezes (CEAM). O PIBID tem como objetivo principal elevar o grau profissionalismo docente dos alunos dos cursos de licenciatura por meio da integração da educação superior com a educação básica a partir do momento em que antecipa o contato dos graduandos com os corpos discentes e docentes das escolas da rede pública ainda na primeira metade do curso. Assim, inseridos neste programa, o bolsista desenvolve habilidades que possibilitam o desenvolvimento da prática docente. Portanto, vivenciando e experimentando o contexto do CEAM, apresentamos os resultados e o impacto gerado nos participantes durante este período, com finalidade de expor a importância deste programa para a formação docente.

Palavras chave: Docência. Experiência. Formação.

Introdução

O aperfeiçoamento da formação docente é o objetivo primaz do trabalho nas licenciaturas. Desse modo, uma das atividades prementes nos cursos de formação é o estreitamento do contato dos licenciandos com a escola e, mais especificamente, com a sala de aula.

No curso das metodologias de ensino e de outras disciplinas de caráter didático e de estágio é possível que os estudantes da graduação convivam na educação básica, com as práticas docentes e alunos. No entanto, uma experiência fundamental para os licenciandos pode ser exemplificada pela participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à

Docência (PIBID), um programa que visa o aprimoramento do grau de profissionalismo docente dos alunos da licenciatura, a partir do momento em que antecipa o contato dos graduandos com os corpos discentes e docentes das escolas da rede pública, a fim de elevar os conhecimentos teóricos e metodológicos dos mesmos.

O PIBID também possibilita ao graduando a oportunidade para criação, participação e interação em experiências metodológicas e práticas docentes de forma dinâmica, de fácil compreensão e de maneira inovadora, ajudando a buscar resoluções para problemas que acontecem na educação básica; sobretudo, permite aos envolvidos diferentes experiências que poderão despertar dons ou habilidades especiais através da união gerada pela coletividade do grupo, podendo revelar uma identidade pedagógica em cada licenciando.

Além disso, o PIBID ajuda a formar professores com habilidades alternativas através da integração do ensino superior com a educação básica das escolas estaduais e municipais, proporcionando uma experiência única de sentir o profissional em cena. Com isso, ocorre a formação de um professor e/ou pesquisador mais capacitado para a compreensão dos alunos em sala de aula.

Diante do exposto, aplicado no contexto do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) campus Vitória da Conquista – BA, o PIBID é composto por 2 núcleos do subprojeto de Geografia, e possui 6 equipes de bolsistas e voluntários totalizando cerca de 58 envolvidos, desde bolsistas de iniciação à docência à coordenadores de área.

Dessa forma, as equipes se encontram alocadas em 5 escolas públicas de ensino, sendo que o Colégio Estadual Abdias Menezes (CEAM) agrupa duas dessas e é em uma delas que nós — Débora e Manoel¹ — participamos sob coordenação da Prof^{ra}. Dr^a. Adriana David Ferreira Gusmão² e supervisão da Prof^{ra}. Esp. Karen Cristine Rodrigues Monteiro³ construindo essa prática e a partir disso com o objetivo de relatar o impacto dessa experiência de vida na nossa graduação.

¹ Discentes e bolsistas de iniciação à docência pelo PIBID/UESB do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

² Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe, Professora da área de ensino do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Coordenadora de um dos núcleos do PIBID/UESB.

³ Graduada em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Especialista em Ensino de Geografia e Educação Inclusiva e Mestranda em Geografia pela UESB; professora efetiva no Colégio Estadual Abdias Menezes e bolsista de supervisão do PIBID/UESB.

Os relatos aqui apresentados são referentes às práticas realizadas no PIBID subprojeto de Geografia e que são tecidas por meio de oficinas, reuniões, palestras, observações em sala de aula, monitoria didática e bate-papos realizados desde o segundo semestre do ano de 2018 até o mês de março de 2019 na UESB e no Colégio Estadual Abdias Menezes.

O subprojeto do PIBID de Geografia no Colégio Estadual Abdias Menezes

A base das experiências vividas no subprojeto de Geografia no Colégio Abdias Menezes durante o período de setembro de 2018 a março de 2019 foi pautada em atividades diversas como discussões de textos, debates, observações em sala de aula, monitorias didáticas e rodas de conversa. Momentos como esses são importantes para todo e qualquer caminho de iniciação à docência e na produção de conhecimento, pois, com eles é possível adquirir saberes para nossa própria produção ou a nossa própria construção (FREIRE, 1997).

O Colégio Estadual Abdias Menezes (CEAM) se encontra na Rua Avenida Rosa Cruz no bairro Candeias na cidade de Vitória da Conquista – BA. O mesmo abriga a Educação de Jovens e Adultos – EJA, Ensino Fundamental e Ensino Médio e, desde 2005, conta com o núcleo de atendimento a alunos com deficiência. O CEAM, após sua reconstituição como escola estadual no ano de 1985, mantém seu funcionamento até os dias atuais, porém com algumas condições precárias em sua infraestrutura e materiais didáticos.

Em primeiros contatos como bolsistas ID (Iniciação à Docência) do PIBID de Geografia no ambiente escolar, pudemos observar o quão desafiador é o trabalho ali desenvolvido. Desde o início, fomos informados de como seria difícil lidar com a realidade desse espaço, o qual possui uma grande variedade de culturas, crenças, orientações sexuais, alunos com transtornos e déficits mentais, cadeirantes, baixa visão, jovens infratores, além de uma quantidade alta de estudantes surdos.

Logo de início tivemos orientações de como nos comportar diante de todo esse cenário através da nossa supervisora Karen Monteiro, do corpo docente e dos funcionários. Contudo, outro aspecto bastante complicado são as questões relacionadas à segurança e o bem-estar dos alunos.

Apesar de ocupar um grande espaço e ter uma grande estrutura, o CEAM apresenta declínios infraestruturais. Aparentemente, o prédio da escola nunca passou por uma reforma estrutural desde o início de seu funcionamento. Faltam ventiladores e/ou aparelhos de ar

condicionado nas salas de aula e a fragilidade do teto deixou algumas salas interditadas (figura 1).

Além disso, há uma escassez na distribuição de materiais didáticos como livros, salas de informática e laboratórios. As quadras poliesportivas não possuem cobertura, alambrado, iluminação elétrica adequada e há pisos cheios de buracos provocados pela ação das chuvas (figura 2). Por conta disso, a falta de conforto térmico deixa algumas salas de aula com temperatura próxima dos 49°C no auge do verão, chegando a se tornar um ambiente “adoecedor e desumano”, deixando os alunos dispersos e improdutivos, segundo o desabafo de uma professora. Desse modo, por meio de rodas de conversa passamos semanas discutindo, levantando dados e trabalhando hipóteses acerca do estado da produção de conhecimento nesse ambiente.

De fato, foi evidente que os resultados dessas análises se juntaram ao depoimento que obtivemos da professora. Após conviver com os alunos e professores durante os momentos em sala de aula, pudemos realmente comprovar e sentir na pele os tormentos passados durante as aulas de Geografia no período vespertino.

Em vários momentos, muitos alunos costumavam sair mais de duas vezes durante a aula para se refrescarem, no mais, também havia momentos em que o assunto era somente desabafos e inquietações entre professores e alunos, deixando de lado, em alguns momentos, a realização do conteúdo.



Figura 1: Sala de aula interditada após o teto apresentar riscos de desabamento.

Foto: Débora Costa Assunção (26/09/2018)



Figura 2: Quadras poliesportivas

Foto: Manoel Braz Souza de Carvalho (25/10/2018)

Até o momento, era a primeira vez que muitos de nós havíamos nos deparado com um ambiente escolar após a saída do ensino médio e sem estar nos papéis de alunos. Em função disso, cada um pode refletir sobre a realidade daquele espaço e de muitos estudantes e, dessa forma, pensar realmente em um futuro como professores e no próprio contexto do PIBID.

Com isso, pautamos os temas dos encontros semanais com o objetivo de revitalizar e idealizar projetos de intervenção para praticarmos durante nossa passagem pelo Colégio Abdias. Junto com a professora supervisora Karen Monteiro, tivemos a chance de unir os saberes a fim de reforçar o debate acerca do melhoramento da infraestrutura escolar e tentar apresentá-las num futuro próximo para instâncias maiores como a Diretoria Regional de Educação.

Assim, dá-se a entender, que uma das funções enquanto membros desse subprojeto está voltada para o monitoramento e apoio aos discentes em sala de aula através de um olhar pesquisador.

Por meio dos encontros pedagógicos semanais, das participações e envolvimento durante a aula do professor de Geografia, adquirimos condutas que nos levaram a trazer inovações e que acabam servindo de pilares para a construção dos próprios planejamentos de aula. Afinal, conforme Piaget (1970) “a principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores”.

Contudo, essas propostas de intervenção não chegaram a ser realizadas no ano de 2018, pois, o levantamento de evidências consiste em um determinado período de tempo. Isto é, este

período foi direcionado em exercitar e desenvolver a prática de observação e planejamento, bem como, para desenvolver aspectos cognitivos dos pontos de vista dos bolsistas.

Aliás, com a chegada de um coordenador pedagógico em fevereiro de 2019, todo processo de revitalização e organização desse espaço foi encaminhado a ele. Com isso, demos continuidade com pesquisas e práticas docentes.

Encontros semanais: planejando e preparando fundamentos teórico-metodológicos

Seguimos as programações do segundo semestre de 2018 com leituras, oficinas, observações em sala de aula, em diferentes momentos, sob o comando de professores distintos e bate-papos proporcionados pela supervisora. Importantes encontros aconteceram com a professora Ms. Maria Antonieta que conversou sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS); a professora de Educação Física Maria Ivone Novaes, com uma oficina de ludicidade e expressão corporal; a mestranda Andréa Prado, apresentando um minicurso acerca da história das mulheres e entre outras realizadas nos encontros semanais da UESB, a fim de discutir e entender um pouco mais do contexto escolar, da realidade dos alunos e da própria formação docente.

Sendo assim, houve mais que um despertar de consciência sobre a realidade enfrentada pelos professores, mas sobretudo uma experimentação, um compartilhar de vivências com alunos especiais, diagnosticados por meio de laudos médicos, assim como alunos com problemas familiares que trazem tais questões para a sala de aula.

Com isso, entendemos que um professor não só apenas ensina. Como afirma Mann (2015), para ele “Um professor é a personificada consciência do aluno; confirma-o nas suas dúvidas; explica-lhe os motivos da sua insatisfação e estimula-lhe a vontade de melhorar”. Desse modo, temos a consciência de que não devemos apenas ter conhecimento de um conteúdo qualquer. Temos de estar preparados psicologicamente e teoricamente a fim de orientar um aluno em situações como essas.

Um exemplo foram as habilidades adquiridas após o bate-papo sobre LIBRAS (figura 3), além de nos proporcionar um entendimento maior do contexto histórico e da vida dos surdos, aproximou-nos mais dos que haviam no colégio, resultando em diálogos curtos por meio da linguagem de sinais, a qual usaremos não só para a escola, mas levaremos para a vida.



Figura 3: Bate-papo com a Ms. Maria Antonieta sobre LIBRAS

Foto: Karen Monteiro (17/10/2018)

Dessa maneira, ao final desse período, junto com a nossa professora supervisora organizamo-nos para a elaboração de uma oficina (figura 4) que felizmente foi aplicada no VII Simpósio de Ensino de Geografia ocorrido em dezembro do mesmo ano na UESB.



Figura 4: Oficina idealizada com o intuito de utilizar a ludicidade no ensino de cartografia

Foto: Débora Costa Assunção (11/12/2018)

A oficina baseou-se no que aprendemos durante as práticas no PIBID e, principalmente, durante a oficina de ludicidade e expressão corporal com a professora Maria Ivone Novaes. A

mesma também serviu de fonte para o início do nosso exercício de docência, da fala e da interação, pois todo processo de idealização surgiu a partir das ideias construídas por nós durante as reuniões semanais.

Dessa forma, segundo Soares e colaboradores (2015), entende-se:

[...] que a partir dessas reuniões, que denominamos de encontros pedagógicos os saberes vão se articulando, vão se costurando concepções e posturas pedagógico-críticas entre uma fala e outra dos(as) bolsistas e dos(as) supervisores(as), ideias vão sendo desconstruídas e construídas, pensamentos se montam, desmontam e remontam a partir de questionamentos e colocações feitas. Compreende-se que toda essa discussão gera um aperfeiçoamento na esteira do curso de licenciatura, sem contar que os professores das escolas parceiras do Programa acabam participando de uma formação continuada a partir dos estudos propostos [...] (p.5).

Além disso, percebe-se logo de início as trocas de aprendizado que há entre as várias áreas de conhecimento. Supervisores e bolsistas entrelaçam suas vivências, formando um novo ponto de vista docente, fazendo as junções dos saberes por meio das discussões de textos pedagógicos, todos ampliam conhecimento no qual servirá de base para sua vida profissional.

Portanto, as provocações geradas pelas discussões de texto produzem reflexões acerca do exercício e da prática docente a serem realizadas em sala de aula, além de preparar teoricamente, possibilitam interpretações do ambiente da sala de aula que tendem a serem usadas para a elevação da individualidade da prática docente.

Sala de aula: teoria e prática

Ao final do segundo semestre de 2018 e início do ano letivo de 2019 fomos direcionados para as salas de aula com o intuito de observar as mesmas para identificar nelas processos que poderiam ser melhorados, ou seja, quais contribuições seriam possíveis no ambiente de sala de aula e escolar. Dessa forma foi pensada a monitoria didática para as salas dos 2ºs anos do Ensino Médio, do turno vespertino.

Inicialmente, foi trabalhado o texto de Wielewicky (2001), “A pesquisa etnográfica como construção discursiva”. O texto aponta alguns caminhos e posições que pesquisadores etnográficos devem seguir para que tenha resultados mais evidentes em suas pesquisas.

O principal foco foi pautar as nossas observações seguindo o pensamento do texto pois, conforme Alves (2010) “As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor. Aprendemos as palavras para melhorar o mundo.”



Figura 5: turma do 2º ano B vespertino em aula de Geografia.

Foto: Manoel Braz Souza de Carvalho (29/03/2019)

Inseridos neste espaço, iniciamos os trabalhos como observadores. Em um primeiro momento fomos direcionados à turma do 2º ano B (figura 5). Basicamente tivemos interesse em somente fazer levantamentos de dados acerca das características da turma no diário de bordo. Após isso aplicamos um teste de sondagem visando entender o histórico cultural e de origem dos alunos para começamos a entender e identificar como se procede o comportamento e vida escolar dos mesmos.

Esses dados, juntamente com a observação orientada, permitiram familiarizar-nos com a turma, idealizar táticas de planos de aula e atitudes que poderíamos usar futuramente com eles em uma oportunidade como na monitoria didática (figura 6) que seria o próximo passo.

Para a elaboração da monitoria usamos todo conhecimento adquirido até aquele momento. Foi produzido um texto didático, slides e exercícios sobre o texto. Durante nossos últimos encontros, focamos somente na elaboração e criação de um roteiro a ser seguido na monitoria, ou seja, nosso primeiro plano de aula produzido no programa.



Figura 6: monitoria didática sobre domínios morfoclimáticos.
Foto: Manoel Braz Souza de Carvalho (29/03/2019).

Chegado o grande dia, o nervosismo tomou conta, a ansiedade se manifestou em alguns e, em outros, o medo de errar produzia um pouco de inquietação (figura 7). Até então, não havíamos realizado nenhuma prática em sala de aula, no mais, tínhamos praticado apenas suporte aos alunos, auxiliando em algumas atividades durante as aulas.



Figura 7: primeiras palavras com a turma.
Foto: Karen Cristine Monteiro Rodrigues (29/03/2019)

Com isso, fomos nos guiando e como disse nossa supervisora “atropelando” o conteúdo em alguns momentos. Entretanto, não deixamos de corrigir alguns desses atos e abrir espaço para participação dos alunos.

Por fim, concluímos que, apesar de termos o privilégio de poder estar na função de um professor, temos muito a aprender e aperfeiçoar nossas performances. Estar no lugar de professor traz desafios não apenas pedagógicos, mas também pessoais, como a postura, entonação e ritmo da fala, a exposição para o grupo. Esse primeiro passo serviu não para dar início a um caminho, mas sim, o início de uma história que cada um irá construir a partir de então. Desse modo, apontamos o PIBID como uma experiência a ser levada para a vida.

Conclusão

Não restam dúvidas de que o PIBID desde sempre foi de extrema importância para o desenvolvimento, conhecimento e evolução da maturidade acadêmica de todos os licenciandos que procuram desempenhar o papel fundamental a caminho do aperfeiçoamento da prática docente.

Dessa forma, cremos que parte dessas experiências terão influência direta em atitudes que teremos de tomar em nossa vivência na sociedade e nos espaços onde seremos professores. Além de abrir nossa consciência para a elaboração de novas metodologias e conceitos, reúne saberes que servirão, acima de tudo, para exercitar nossa mente em função do nosso futuro, a fim de idealizar novas práticas de vida enquanto profissionais e colaboradores da educação.

Portanto, levamos em nossa bagagem acadêmica ao final dessa vivência, virtudes que puderam transformar nossas ideologias enquanto licenciandos, e mais, adotamos diversos conceitos de como praticar a docência, ou seja, descobrimos que não há um modelo ou um padrão para ser professor pois, ainda seguindo o pensamento de Freire (1996) “o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento”. Assim, sabemos que nós mesmos, durante esse percurso à docência encontraremos a prática e/ou a metodologia que se aplicará melhor em cada realidade encontrada nas salas aula.

Referências:

ALVES, Rubem. **Conversas sobre educação**. Campinas: Verus, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra; 1996.

MANN, Thomas. **Doutor Fausto**. Traduzido por Herbert Caro. Editora Schwarcz s.a. SP 2015.

PIAGET, Jean. **A Epistemologia das Relações Interdisciplinares. Interdisciplinaridade: problemas de ensino e pesquisa nas universidades**. Centro de Pesquisa e Inovação em Educação. Paris: OCDE, 1972.

SOARES, Edilana Gonçalves Costa. ARAÚJO, Laudicéia Falcão, RAMOS, Natiane Santos. **Vivências do bolsista id no pibid: relato de experiência na Escola Municipal Amigos da Natureza**. EDUCERE, XII Congresso Nacional de Educação, PUCPR, 2015.

WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. **A pesquisa etnográfica como construção discursiva**. Acta Scientiarum, Maringá, 2001.